



CORONAVÍRUS

Pacientes com Doenças Imunomediadas



PERSPECTIVAS SOBRE A

Vacinação do Coronavírus

Em Pacientes com Doenças Imunomediadas



Especialistas em imunização de pacientes especiais explicam o processo de produção de vacinas, falam sobre as que estão em estudo contra o coronavírus e também quais são as expectativas pós-vacinação

Em transmissão ao vivo realizada nas redes sociais do Blog Artrite Reumatoide, Grubar-RP e Bired Brasil, Priscila Torres reuniu as médicas Melissa Palmieri, especialista em Vigilância em Saúde pelo Ministério da Saúde e Diretora da Sociedade Brasileira de Imunização - Regional de São Paulo, e Gecilmara Salviato Pileggi, reumatologista pediátrica, Integrante do Comitê Interinstitucional de Farmacovigilância de Vacina/Imunobiológicos (CIFAVI).

Durante o encontro online as especialistas falaram sobre suas experiências com os estudos de vacinas contra o coronavírus, já que ambas estão fazendo parte de comitês de desenvolvimento das mesmas. Além disso, as especialistas responderam perguntas sobre a vacinação para pessoas dentro e fora dos grupos de risco e para pacientes com doenças imunomediadas.

Para iniciar a conversa, Priscila afirmou que a iniciativa de trazer as profissionais para explicar essas questões sobre as vacinas contra o coronavírus partiu da constatação de muitas informações conflituosas e incorretas circulando nas redes sociais e na internet, confundindo os pacientes e alimentando receios de todos. "Hoje, só pelo fato de abrir a internet, a gente já começa a pensar em efeito colateral da vacina, pela quantidade de informação conflitante.

"Hoje, só pelo fato de abrir a internet, já começamos a pensar em efeito colateral da vacina, pela quantidade de informação conflitante. Então, para termos acesso a informação segura e tranquilizadora, a gente precisa falar com médicos que, além de conhecerem a vacina, também entendem a situação dos pacientes com doenças imunomediadas", disse Priscila.



O webinar "Perspectivas sobre a imunização contra o coronavírus para pacientes com doenças imunomediadas", foi transmitido no dia 27 de outubro e está disponível no Youtube.



Perspectivas sobre a imunização contra o coronavírus para pacientes com doenças imunomediadas



Iniciando sua participação a Dra Gecilmara Salviato Pileggi afirmou que desde o início da pandemia existe uma forte polarização de opiniões devido ao grande número de informações divulgadas. Isso gera um grande desgaste nos profissionais da área médica e científica, já que precisam filtrar e avaliar diversas questões ao mesmo tempo. Afirmação a qual a Dra. Melissa fez coro, ressaltando que mesmo os envolvidos nos estudos para a produção das vacinas ainda não possuem verdades absolutas e que ainda restam muitas dúvidas sobre a doença e sobre como a imunização vai funcionar.



Sobre os avanços na imunização, a Dra. Melissa Palmieri explicou que estas estão sendo feitas e testadas em velocidade maior do que a usual porque as plataformas de algumas das vacinas contra o coronavírus já estavam prontas para outras. Além disso, devido aos números elevados da doença na pandemia, alguns estágios da produção estão sendo adiantados, como a produção das doses enquanto os testes ainda não foram concluídos. Um risco que as indústrias estão assumindo de precisar jogar fora toda a produção caso não demonstre eficácia e segurança. Porém, em caso de aprovação das vacinas pelos órgãos reguladores, essa medida irá acelerar a disponibilização das mesmas para a imunização da população.

A profissional ressaltou também que existem muitas fake news sobre a produção dessas vacinas, principalmente em relação à segurança. E afirmou que os pesquisadores envolvidos são idôneos, que não iriam associar seus nomes a algo que poderia colocar em risco as pessoas. Por isso não deixariam de relatar efeitos adversos durante os testes.

Para a Dra. Gecilmara, a comprovação da segurança é o ponto mais importante. A eficácia fica em segundo plano. A médica afirmou que até mesmo por trabalhar com farmacovigilância está sempre atenta a esse ponto durante o protocolo de produção de vacina no qual ela está envolvida.

“Eu fico um pouco atônita de perceber o medo de algo que não existe e que não é possível, ser maior do que o medo de algo que é real e que já matou 157 mil pessoas no nosso país. Este medo de não terminar essa agonia ele não é maior que um suposto evento adverso que ainda não aconteceu. Realmente as pessoas estão com mais medo da vacina do que da doença”, lamentou a especialista.



Tipos de vacinas, como são produzidas e o que esperar delas



Segundo o site da Organização Mundial de Saúde, existem cerca de 200 vacinas entre as fases pré-clínicas e clínicas. Destas, o site do The New York Times informa que existem 34 na fase um, 14 na fase dois, quando são expandidos os estudos para centenas. E 11 na fase três, na qual será possível avaliar em grande escala, com a participação de milhares de pessoas no estudos sobre a eficácia e segurança.

Essas vacinas possuem técnicas de produção diferentes entre si. Elas podem ser genéticas, onde é utilizado o código de RNA ou DNA para que o corpo produza uma resposta imune ao vírus. Também podem ser feitas por meio de vetores virais, utilizando o adenovírus, um vírus em forma enfraquecida, para gerar essa resposta do organismo para combater a doença. Outra opção são as vacinas produzidas com base em proteínas, fragmentos colocados na imunização para que o sistema imune faça a leitura e desenvolva a resposta. E, por último, existem as inativadas ou atenuadas, nas quais o vírus é inativado antes de ser incluído na vacina, porém ainda consegue gerar resposta imune do organismo, explicou Dra. Melissa.

Segundo a especialista, também estão sendo realizados estudos sobre efeitos indiretos de vacinas, como a BCG, para verificar se elas conseguem estimular uma resposta celular que ajude o organismo em caso de infecção por coronavírus.





Imunização dos pacientes com doenças imunomediadas

Questionadas por Priscila Torres sobre a vacinação segura para pacientes imunodeprimidos as médicas concordam que mesmo após a aprovação das primeiras vacinas, em um primeiro momento, esses pacientes não devem se imunizar. Os estudos para estas vacinas em fase de testes estão focados em pacientes saudáveis e nos grupos de risco para o coronavírus que são os idosos, pessoas com obesidade, cardiopatas e hipertensos. E os pacientes com doenças imunomediadas não são vistos como grupo prioritário.



“Eu adoraria trazer notícias animadoras no sentido de agora, lógico que terá no futuro, mas eu queria trazer agora. Mas o que nós temos de todas essas plataformas de fase três, nenhuma nas descrições dos estudos clínicos insere esse tipo de paciente (imunossuprimidos)”, disse Dra Melissa.

Imunização dos pacientes com doenças imunomediadas

“Não acho que é momento para pensar em vacinar. Quem está com a doença quietinha, controlada, não está no grupo de risco. Vamos tomar as medidas preventivas: cuidar da saúde física, psíquica, mental, nutricional e nos manter longe dos grupos de risco. Isso é o que eu acho que nós podemos fazer neste momento”, complementou Dra. Gecilmara.



Importância da manutenção do tratamento das doenças imunomediadas durante a pandemia

A profissional explicou ainda que **é muito importante para os pacientes com doenças imunomediadas manterem seu tratamento e o acompanhamento médico mesmo durante a pandemia**, pois há risco de piora no quadro clínico da própria doença. A Covid-19 é uma doença inflamatória que age em várias partes do corpo e as reações a ela têm sido controladas nas pessoas com doenças graves pelas medicações que são utilizadas de base para o tratamento.



As médicas ainda explicaram que quando a imunização estiver disponível para os demais grupos, vacinar as pessoas ao redor dos pacientes imunodeprimidos pode garantir uma proteção indireta para esses pacientes.





A vida vai voltar a ser como era antes ?

Quando questionadas por Priscila se após a vacinação em massa contra o coronavírus a vida voltará ao normal, as especialistas pontuaram que este período de pandemia trouxe uma série de ensinamentos que não podemos perder, mesmo com todos vacinados: a responsabilidade social, de cuidar de si e do outro.

“Vivemos em tempos de globalização, de muito conhecimento e temos que colocar em prática. Eu acho que normal seria adotarmos estratégias que aprendemos. Lógico, não viveremos sempre como estamos agora andando de máscara em todos os lugares. A gente vai se libertar disso, mas no momento certo. O momento não é agora”, reforçou Dra. Melissa.

“É cruel deixar de conviver. A gente quer voltar a estar com quem amamos, poder dar um abraço... A ânsia por esse momento de conviver é o que mais nos atrai e nos motiva. A esperança é quando tivermos vacinas que mostrem segurança e eficácia de transmissão, vamos voltar a conviver. E nós temos que ter essa esperança, com consciência e mais responsabilidade, pensando na nossa saúde enquanto grupo de risco, quais foram as lições aprendidas que a gente pode tirar desse momento e fazer um mundo melhor. Vamos acreditar nisso sim, é responsabilidade de cada um de nós”, disse a Dra. Gecilmara.

REALIZAÇÃO



CORONAVÍRUS

Pacientes com Doenças Imunomediadas

BioredBrasil
MEDICAMENTOS BIOTECNOLÓGICOS



APOIO INSTITUCIONAL



Dra. Gecilmara Salviato Pileggi
@gecilmara

- Reumatologista pediátrica
- Coordenadora da Comissão de Doenças Endêmicas e Infecciosas da Sociedade Brasileira de Reumatologia.
- Integrante do CIFAVI.



Dra. Melissa Palmieri
@dra_melissa_palmieri

- Especialista em Vigilância em Saúde pelo Ministério da Saúde
- Diretora da Sociedade Brasileira de Imunização - Regional de São Paulo



Priscila Torres
@artritereumatoide

- Jornalista, autora do BlogAR
- Coordenadora de advocacy e responsabilidade social do Grupo EncontrAR, Grupar-RP e da Biored Brasil

Assista ao vídeo no Youtube



PESSOAS ALCANÇADAS

5.815